

## TRÊS VEZES WALY SALOMÃO

Por Evando Nascimento

Seguem abaixo três textos relativamente curtos sobre o grande poeta e ensaísta Waly Salomão, escritos em datas e com propósitos diferentes. O primeiro, “Os Favos da (Quase) Poesia: A Poesia Nômade de Waly Salomão”, foi um artigo publicado originalmente na Revista *Cult*, em 2001. O segundo é um post recente do Facebook “Saudades de Waly Salomão: Uma Curta Amizade”, acompanhado do testemunho inédito “Waly, Curta Amizade”, escrito após a morte de Waly, em 2003. Juntos, os três curtos textos explicam bem minhas relações com o saudoso poeta e sua obra.

### I. OS FAVOS DA (QUASE) POESIA: A POESIA NÔMADE DE WALY SALOMÃO<sup>1</sup>

Por Evando Nascimento

*Mel silvestre tirei das plantas,  
Sal tirei das águas, luz tirei do céu.  
Só tenho poesia para vos dar.  
Abancai-vos, meus irmãos.*

*Jorge de Lima*

Se a palavra *antologia* remete a “flor de poemas”, Waly Salomão foi fundo na imagem, metamorfoseando-se em abelha Rainha que fabrica com suas atarefadas companheiras o grande mel da vida. Um mel produzido com o pólen de outras flores, recolhido noutros poemas e poetas, por sua vez igualmente antológicos. E é assim que se provam e aprovam os versos de *O Mel do melhor* (Ed. Rocco, 2001), doce oferenda de um anfitrião do mundo. O mundo que sabe

---

<sup>1</sup> Artigo publicado na revista *Cult*, São Paulo, p. 10-13, 04 out. 2001 (mantive a ortografia original).

também ser amargo, mas que, afainado, o poeta transmuta em ouro e nos devolve, como reflete a capa do livro em dourado-mel.

Waly é poeta de seu tempo, capaz de se deslocar em permanência, nômade por destinação. Daí a sempre nova aquisição de uma tarifa de embarque, o salvo-conduto para desembarcar, em qualquer terra, a qualquer hora. Mas não se trata de um nomadismo *prêt-à-porter*, que já estivesse convicto da necessidade de ir embora. Ao inverso, partir já traz incerteza, “Viajar, para que e para onde,/ se a gente se torna mais infeliz/ quando retorna? Infeliz/ e vazio, situações e lugares/ desaparecidos no ralo,/ ruas e rios confundidos, muralhas, capelas,/ panóplias, paisagens, quadros,/ duties free e shoppings...” (p. 69). A contrapartida virá próximo do fim nesse mesmo “Poema Jet-Lagged”, de 1993, “Mas ficar, para que e para onde,/ se não há remédio, xarope ou elixir,/ [...] se viajar é a única forma de ser feliz/ e pleno?” (p. 73). Se etimologicamente a *metáfora* diz respeito ao transporte, então navegar é preciso, com o auto-designado “marinheiro da lua” (Salomão tornado Saylormoon).

Hóspedes de um profeta sem morada - e que tampouco propala mensagem redentora -, vamos viajar nas asas do paradoxo, percorrendo linhas tortas de um escrito incerto, traçado pelo “Grande pássaro de rota internacional sugado/ pelas turbinas do jato” (p. 69). Para isso, deve-se ter sempre à mão um ambulante “Dicionário de antônimos”. Sendo assim, não há mais magistralidade poética balizada pelos grandes nomes: Drummond, Bandeira, Cabral e outros se tornam apenas índices de assinatura, cais provisórios ou plataformas para prosseguir viagem, nunca portos-seguros ou lugares comuns de chegada. Libera-se então, por um triz, do epigonismo que ora grassa.

Em vez de um poeta e de um poema pré-fabricados, dispõem-se um sujeito *quase* poeta e um objeto *quase* poema, que se constituirão sob nossos olhos ledores, a partir de um *vazio* fundamental. Deixa de existir, portanto, poesia pura: toda poesia é impura, quanto mais elaborada, tanto mais misturada com os detritos da vida. Daí ser poesia *quase*, e não absoluta. Aqui fica consignada a homenagem ao título *Objeto quase*, de Saramago.

Costumo dizer que o mal de grande parte da poesia brasileira contemporânea não é ser ruim, mas não ser sobretudo boa. Se fosse pelo menos ruim, haveria o que criticar. O problema está em que se atingiu uma mediania moderna, ou

pós, em que se tornou simplíssimo desarrumar versos, desfiar palavrinhas esdrúxulas, imagens de impacto e pronto eis o prato-feito do beletrismo vanguardista.

O que separa os textos de Waly de muitos de seus colegas atuais, provenientes da novíssima ou da geração anterior, é o fato de neles se compor um tecido de literatura e vida, em que os fios de uma e de outra são praticamente indiscerníveis. Para recorrer a metáfora de um de seus (quase) poemas: no *aluvião* do vivido e do lido, resta uma ganga da qual extraem-se pepitas e barro, diamante e carvão, pois aprendemos com Bandeira que sem a lama no paletó de linho não se faz poesia alguma. Então: “Ele: o amalgâmico/ o filho das fusões/ o amante das algaravias/ o sem pureza” (p. 66)

Rebento ao mesmo tempo legítimo e degenerado das vanguardas do século XX, em particular da contracultura e do pop dos anos 60 e 70, Waly traz delas um desejo inicial de estetizar a vida, mas o resultado obtido muitas vezes é o avesso, pois é a arte que se revitaliza, evitando cair nos clichês de si própria. Pode-se não gostar desses (quase) poemas, mas não se pode negar neles a marca suja de uma vitalidade exuberante. Há, ali, um corpo que pensa e como tal avança, atirando para todos os lados, ávido de mais-vida, performando seus atos, como vem em “Falax Opus – Obra Enganadora”, em intenso diálogo com Zé Celso Martinez Corrêa. Esse corpo a todo momento se depara com dificuldades de auto-identificação. Noutros isso seria um mal, empecilho, obstáculo - nele tudo se torna a vara com a qual dá um salto, quase mortal, tais “os gatos”. Trabalhar as próprias dificuldades, sobretudo a de se reconhecer numa identidade fixa, converter as pedras de tropeço em pedras de toque, eis a única alquimia desejada, cultivada com a pá da palavra, em som alto e muito bom – compondo as próprias algaravias.

É o que chamo, sem complacência, de *bioficção*: nada de literatura antes da vida, nada de experiência vital sem escrita que a suplemente e intensifique. Se a palavra *ficção* ainda faz sentido, hoje, é por não pertencer a nenhum gênero específico. Em sentido forte, há ficção desde que exista colisão entre o vital e o artístico. Nisso, as possíveis e até ansiadas falhas viram fagulhas, ateando fogo no tédio do entorno. Como na “Fábrica do Poema”, dedicado a Donna Lina Bo Bardi, “sonho o poema de arquitetura ideal/ cuja própria nata de cimento encaixa/

palavra por palavra,/ tornei-me perito em extrair faíscas das/ britas/ e leite das pedras” (p. 79). O que evita o cabralismo do texto é o fato de que a arquitetura-e-engenharia referida traz de imediato sua própria desconstrução, não ficando pedra sobre, “e o poema-miragem se desfaz/ desconstruído como se nunca houvera/ sido” (p. 80). Com rasura do último verso, pode-se retirar o “sido”, deixando somente o “houvera” no final do anterior e evitando a solução da rima. “Esgotado o eu, resta o espanto do mundo/ não ser levado junto de roldão”, registra a “Carta aberta a John Ashbery” (p. 75).

O componente *bioficcional* nunca se reduz a um simples autobiografismo, tal como os que se viu surgir e abortar no século ora findo. Justo porque se abre ao outro, ao desconhecido e enigmático desafio, e porque sua palavra de ordem é ALTERAR, com todas as letras, alterar o dado, pré-definido, já visto, consumido, globalizado, que tudo nisso vira *heteroficção*. Declarava já “Na Esfera da produção de si-mesmo”, em 1972: “Tenho fome de me tornar em tudo que não sou tenho fome de fiction ficciones fictionários tenho fome das fricções de ser contra tudo que não sou ser de encontro a outro ser” (p. 39). Aqui nós leitores, outros dele, heterônimos, (quase) poetas, somos convocados não para mais um exército da salvação, mas para uma reflexão no limite entre vida e morte, entreato fatal que se dá sobre uma certa “vaziez” (p. 122).

Motivo pelo qual entendemos quando um ali escolhe colocar como saída dessa real *antilogia* o belíssimo “Estética da Recepção”. Muito longe de fazer vênia ao discurso da Academia (com efeito, estética da recepção é uma das correntes de teoria e crítica literária mais influentes na atualidade), trata-se de, num lance genial, redistribuir as peças do tabuleiro, arriscando a jogada definitiva, a que põe em xeque a vida da própria Rainha. Como também dizia “Fa-tal”, em 1971: “Sou eu quem durmo tarde/ quem acordo cedo/ quem realço tudo/ quem não tenho medo... // [...] Sou índia sou virgem sou bela sou forte sou jovem sou sadia sou pura” (p. 37). Nem homem nem mulher apenas, nem andrógino ou qualquer avatar que ainda configure uma identidade, rasgam-se as carteirinhas, as tabelas de seno, co-seno, os cadernos de contabilidade. Como quem apostasse uma fortuna na loteria ou na bolsa de valores literários – estando certo da perda. O que é um ganho, pois acertar no previsível, hoje, nada mais fácil. Mas mirar no inesperado, desde ontem, ou seja, desde os anos sessenta e setenta, pode

reverter na bendita e bem-vinda sorte. A chance do acaso, sem a qual, noves fora, zero.

O (quase) poeta se torna sumo jogador. Se lhe falta a habilidade com que se reconhecem os acadêmicos das Letras, sobram-lhe as memórias de um futuro, bem próximo, em que, para referir Drummond, o fácil se tornará fóssil e, nada ficando para os rebeldes da hora ou para os repetidores à náusea do mesmo, haverá espaço para quem exige de si, no mínimo, o melhor. Como bem se indaga, “pois a questão-chave é:/ sob que máscara retornará?” (p. 81). Enfatize-se, nesse sentido, que os poemas mais antigos já discutiam algumas questões que agora estão na ordem do dia das discussões universitárias: a impossível identificação, o corpo, o multiculturalismo, entre outras.

Baiano filho de árabe, Waly tem na verdade como grafia de seu nome Walid, com *d* mudo. Falando muitos idiomas, passando do nacional para o estrangeiro com a rapidez do a-jato, expatriando o idioma pátrio, fazendo o português dizer o que jamais diria, como um “bárbaro tecnizado” (Oswald-Antropófago), ele poderia exclaimar, contra e a favor de Pessoa: Meu exílio é minha língua! Daí vir, aos borbotões, de enxurrada, caótica e esplêndida enumeração: “E ponte, funicular, teleférico, catacumbas/ do clube do vinho, sorbets, jerez, scanners,/ hidrantes, magasin d’images et de signes,/ seven types of ambiguity,/ todas as coisas/ perdem as vírgulas que as separam/ explode-implode um vagão lotado de conectivos” (p. 69). Eis o objetivo do “fluxo-floema” (Hilda Hilst) das imagens-movimento (Deleuze): “Como uma flecha, rasgar o regaço da língua/ materna. Da cálida vagina, como uma flecha/ disparada./ Como uma flecha: o multilingüismo é o alvo” (p. 70). Lemos esse livro e percorremos o mundo, ressensibilizando os sentidos, com bilhete de ida, sem volta.

Passeiem tais páginas e incendeiem a vida.

**Evando Nascimento** é autor de *Derrida e a literatura* (2ª. ed., EdUFF, 2001) e Professor Adjunto de Teoria da Literatura na Universidade Federal de Juiz de Fora.

## II. SAUDADES DE WALY SALOMÃO: UMA CURTA AMIZADE<sup>2</sup>

Por Evando Nascimento

*Meu grande amigo,  
desconfiado e estridente,  
eu sempre tive comigo  
que eras na verdade  
delicado e inocente.*

Caetano, "Waly Salomão"

Esta semana recebi a mensagem de uma pesquisadora de pós-doutorado da UFMG, que tinha lido na internet a referência a um texto meu intitulado "OS FAVOS DA (QUASE) POESIA: A POESIA NÔMADE DE WALY SALOMÃO". Foi um artigo algo intempestivo que escrevi sobre a antologia poética de Waly Salomão ("O Mel do Melhor", ed. Rocco) e foi publicado em 2001, na CULT, junto com uma entrevista do próprio Waly, realizada por Manuel da Costa Pinto, então editor da revista. No texto, defino a "(quase) poesia" como aquela que foge dos clichês poéticos e por isso mesmo melhor se perfaz. Lembro que o poeta ficou muito feliz com esse texto relativamente curto.

Procurei e não encontrei em minha caótica biblioteca (que de vez em quando arrumo, para depois desorganizar...) o exemplar da revista, mas achei sim o PDF original do artigo. E encontrei também o seguinte comentário colhido pela IA do Google (suas fontes são Escavador, PUC de Minas e ABRE, Associação Brasileira de Estética):

“Os Favos da (quase) poesia: a poesia nômade de Waly Salomão” é um artigo escrito por Evando Nascimento, publicado na Revista Cult (ano V, nº 51) em outubro de 2001, páginas 10-13.

Pontos principais do artigo:

- Análise de Waly Salomão: O texto analisa a obra e a poética do poeta brasileiro Waly Salomão, caracterizando-a como "nômade".
- Conceito de "Quase" Poesia: O título sugere uma reflexão sobre a poesia de Salomão que transgride os limites tradicionais, aproximando-se de outras formas

---

<sup>2</sup> Postagem em meu mural do Facebook, em 06 maio de 2026.

de arte ou da prosa, o que se enquadra na ideia de uma "antilogia" ou obra que foge da classificação convencional.

- Publicação: O ensaio foi veiculado no contexto de um dossiê ou edição focada na obra de Salomão, frequentemente citado em estudos sobre literatura brasileira contemporânea e a relação entre poesia e outras artes.

O artigo é uma referência crítica importante para entender a trajetória de Waly Salomão na literatura brasileira.”

Procurando o referido artigo, encontrei outro documento com o nome de “WALY”. Abri e, para minha surpresa, era um texto que escrevi em sua homenagem após sua morte e que decerto pretendi publicar em algum periódico, mas por alguma razão não o fiz e esqueci completamente que o havia escrito. Fiquei muito emocionado, pois é uma síntese de nossa amizade, que foi curta porém muito calorosa. Ao contrário do que seu vínculo original com a contracultura sugere, Waly era cultíssimo, e por isso detestava que o associassem aos poetas ditos marginais...

E mais não digo. Quem tiver tempo que leia o texto abaixo e se lambuze nos favos desse “Mel”... Com exceção do clássico “Me segura que eu vou dar um troço” (numa edição póstuma, com prefácio de nosso amigo em comum [Antonio Cicero Oficial](#)), os livros foram uma prenda do autor que tanta falta faz neste mundo cada vez mais careta... (Não atualizei a ortografia do artigo, que é de 2003.)

[Evando Nascimento](#) Camacã

### III. WALY, CURTA AMIZADE<sup>3</sup>

(08.IX.03)

Por Evando Nascimento

Minha amizade com Waly Salomão foi curta e pouco assídua, durou menos de dois anos e se deu mais pelas vias telefônica e do correio eletrônico, mas deixou vestígios indelévels. Conheci-o pouco depois do lançamento de *O Mel do melhor*, livro que reputo entre as mais belas antologias da língua portuguesa. A iniciativa foi dele, tinha lido algumas coisas minhas nos jornais e, segundo disse, gostado muito. Cruzei com ele em companhia de Antonio Cicero umas duas vezes no Leblon e trocamos os telefones. Não sei quem ligou primeiro, mas começamos em seguida uma amizade que teria se prolongado por muito tempo não fora a brusca interrupção por parte da indesejada das gentes.

Conhecia algumas de suas canções, que amava, principalmente, claro, de “Vapor Barato”, pequena e preciosa obra-prima da mpb e da contracultura. Dos livros mais recentes tinha lido *Armarinho de miudezas* e *Lábia*, que aprecio muito. Em nosso primeiro contato telefônico, comentou trechos inteiros do livro de Jacques Derrida sobre Paul Celan, *Schibboleth*. Falou de seu grande interesse pelo pensador francês e da frustração de não ter conseguido trazê-lo para os encontros que organizou com Cicero para o Unibanco. Falou muito e muito de poesia, o que amava (pouco) e o que detestava (muito) na cena poética atual. Enviou-me em seguida um exemplar do *Mel*, que li sôfrega e rapidamente, tomado pelo fluxo lírico e intenso que emanava daquelas páginas. Logo comecei a escrever um ensaio, o qual considero uma das coisas mais desconcertantes que escrevi e que foi publicado na Revista *Cult*, antecedido por uma entrevista do próprio.

Considero a poesia de Waly uma das poéticas mais densas e consistentes do Brasil no momento, dotada de duas ou três características que, em literatura, para mim são tudo: 1- senso de autobiografia, disfarçada ou não; 2- erudição

---

<sup>3</sup> Como a data acima indica (8 de setembro de 2003), esta foi uma homenagem póstuma e inédita ao poeta que partiu em 5 de maio de 2003.

sem pedantismo nem conservadorismo; 3- coloquialidade musical. Acrescentaria uma quarta, que se junta de todo à persona física e literária de Waly, o traço do humor e da galhofa, não desprovido decerto de um fundo de melancolia. Ler Waly é e sempre será ouvi-lo falar, ao vivo ou nas vezes em que apareceu na televisão ou em que recitou seus poemas em público: uma mistura de incontido espalhafato e exatidão, transbordamento e rigor. Qualidades estas que davam um equilíbrio ao elemento dionisíaco de uma poesia feita de paixões e arrebatamentos, com muito diálogo intertextual, oculto ou explícito com, por exemplo, Hélio Oiticica, de quem foi amigo pessoal, e Lygia Clark, com quem se submeteu a sessões de “arte-terapia”.

A última vez que nos vimos foi no lançamento do livro de Cicero, *As Cidades e os livros*. Tínhamo-nos prometido uma garrafa de vinho que bebemos em companhia de outros amigos, entre os quais Italo Moriconi e Dedé Gadelha. Como provavelmente em outras situações parecidas, após alguns copos e papos, Waly cantou algumas músicas de Dolores Duran e de Lupicínio Rodrigues, mas nenhuma sua, embora o assunto tivesse sido tocado por um jovem admirador. Tinha uma bela voz de barítono, entoada de maneira algo tradicional, como a dos artistas referidos. Não sei por que não deixou nada gravado musicalmente, pelo menos ao que eu saiba. Em nossas conversas telefônicas, por vezes cantava algum trecho de canção, a propósito de tudo e de nada, como de nada e de tudo falávamos durante um tempo aleatório. Trocávamos inclusive baianidades, certa vez lhe disse que “nosso sangue se unia”, ou seja, tínhamos afinidades, como se costumava dizer no interior da Bahia quando eu era criança – ele riu muito e contou para Cicero.

Nossa Bahia era distinta: a dele, de Jequié, estava mais próxima da Vitória da Conquista e do sertão de Glauber – a minha, do Sul, na região do cacau, é a de Jorge Amado, chuvosa e hoje em plena decadência, hélas. Ele tinha o sotaque preservado, a despeito do longo tempo de Rio de Janeiro; eu, mais recente e mais aculturado, perdi quase todo o sotaque, segundo dizem, sem que me dê conta do fato. Depois de muitas deambulações verbais, nossas conversas eram interrompidas de súbito, ele tascava um beijo do outro lado da linha, e desligava. Eu ficava pasmo e feliz, com sua prosa generosa e astuta.

Aquele que seria nosso último encontro, o tempo roubou, sem apelo. Tinha organizado para abril deste ano um colóquio sobre Literatura & Filosofia na Universidade Federal de Juiz de Fora, onde leciono. Ele fecharia o evento, que contou ainda com as presenças de Antonio Cicero e Roberto Machado, dentre outros. Aceitara o convite com gáudio e mesmo ansiedade, pois queria muito conhecer a cidade e o Centro Murilo Mendes, era louco pela poesia do juizforano, cujos versos de alguns poemas recitara de cor. No dia da palestra sua esposa me liga dizendo que, para sua imensa tristeza, ele não poderia ir, caíra doente, não soube precisar do quê. Duas semanas depois partiu entre anjos barrocos, num vapor barato, para além de 2002 e 3 e 4, até onde essa estrada do tempo vai dar.

Freqüentemente chamava-o nos e-mails Walyíssimo, o superlativo era o único vocativo à sua altura e peso. Eu tinha gostado muitíssimo de sua atuação como Gregório de Matos no filme de Ana Carolina, a cuja estréia fui com amigos no Cine Odeon, a convite dele próprio. Era ele representado a si mesmo, declamando os poemas do santo barroco baiano como se fossem dele, Waly, em regime de leitura como coautoria.

Ainda agora quando o leio, consigo escutar o grão da Voz.